

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO DEVOLUTIVA NA PESQUISA COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS: POSSIBILIDADES DE COMUNICAÇÃO, DIÁLOGO E REFLEXÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*PEDAGOGICAL DOCUMENTATION AS A
FEEDBACK ON RESEARCH WITH BABIES
AND SMALL CHILDREN: POSSIBILITIES
OF COMMUNICATION, DIALOGUE AND
REFLECTION IN EARLY CHILDHOOD
EDUCATION*

Daliana Löffler 1
Ana Cristina Coll Delgado 2

Resumo: O artigo apresenta reflexões sobre a documentação pedagógica, como um instrumento para compartilhar os resultados de uma pesquisa etnográfica com bebês e crianças bem pequenas. A pesquisa foi realizada em uma Unidade de Educação Infantil, com objetivo de analisar como os bebês vivenciam os movimentos de participação construídos por e entre eles e com as crianças bem pequenas em uma turma de berçário. Focalizamos a devolutiva da pesquisa e os princípios da documentação pedagógica, para garantir a participação infantil na apreciação dos percursos da investigação. A partir do entendimento de que a documentação pedagógica oportuniza reflexão acerca dos resultados da pesquisa e pode ser uma forma de resistência aos saberes e poderes centrados nos adultos, vislumbramos a possibilidade de construção de processos avaliativos compartilhados e coletivos, garantindo a visibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas e a construção de uma cultura de comunicação, diálogo e reflexão na Educação Infantil.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica. Pesquisa. Bebês. Crianças bem Pequenas. Educação Infantil.

Abstract: The article presents reflections on the pedagogical documentation, as an instrument to share the results of an ethnographic research with babies and small children. The research was carried out at a Early Childhood Education Unit, with the objective to analyze how babies experience the participation movements built by and among them and with small children in a nursery class. We focus on research feedback and the principles of pedagogical documentation, to ensure children's participation in the appreciation of research paths. Based on the understanding that the pedagogical documentation allows reflection on the results of the research and can be a form of resistance to the knowledge and powers centered on adults, we envision the possibility of building shared and collective evaluation processes, ensuring the visibility of babies and small children and the construction of a culture of communication, dialogue and reflection in Early Childhood Education.

Keywords: Pedagogical Documentation. Research. Babies. Small Children. Early Childhood Education.

Doutora em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Lattes: 1
<http://lattes.cnpq.br/8679261850442567>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2959-479X>. E-mail: dalianaufsm@yahoo.com.br

Doutora em Educação, Universidade do Oeste de Santa Catarina. 2
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2435682042060684>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9898-8453>. E-mail: anacoll@uol.com.br

Introdução

As Pedagogias da Infância e os Estudos da Criança têm inspirado estudos e pesquisas com crianças no Brasil, especialmente no âmbito da Educação Infantil. Todavia, afirmar as crianças como atores potentes que produzem culturas, participam das mudanças das sociedades e constroem conhecimentos ainda é um desafio, pois isto requer práticas dialógicas e democráticas entre adultos e crianças, assim como um olhar reflexivo e filosófico acerca de que mundo queremos e deixaremos para as gerações que nele estão chegando.

Visualizamos na documentação pedagógica possibilidades para afirmar a potencialidade das crianças nos contextos educativos para a infância. Segundo Dalhberg, Moss e Pence (2003), esta é uma prática alternativa que possibilita transgredir as tradições em instituições dedicadas à primeira infância, uma vez que parte da escuta das crianças. Sem escuta e comunicação ela não pode acontecer, pois é fruto de uma prática dialógica que acontece entre crianças e adultos.

Os referidos autores (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003) compreendem a documentação pedagógica como um instrumento vital para a criação de uma prática pedagógica reflexiva e democrática, por meio da construção de um encontro ético com nós mesmos, com o outro e com o mundo. Isto requer profissionais reflexivos que possam criar um espaço para uma discussão vívida e crítica sobre a prática pedagógica e sobre as condições de que ela necessita.

Neste artigo pretendemos refletir sobre a documentação pedagógica como um instrumento criado para compartilhar os resultados de uma pesquisa etnográfica com bebês e crianças bem pequenas em uma escola infantil. Nesse sentido, não realizamos uma mera transposição de uma perspectiva pedagógica para o campo da pesquisa com crianças, mas procuramos articular os princípios da documentação pedagógica, para garantir a participação dos bebês e das crianças bem pequenas na apreciação dos percursos da investigação.

Como acontece no caminhar de uma pesquisa com bebês e crianças bem pequenas, a documentação é processo e resultado de experiências, o que permite compreender as crianças como participantes de um projeto de investigação que só é possível acontecer mediante diálogos e negociações que garantem um processo democrático nas escolas infantis, conforme propõem Dahlberg, Moss e Pence (2003), como também nas pesquisas que compreendem as crianças enquanto um grupo social, que produzem culturas, que participam, se comunicam e exploram o mundo, dentre outras ações que não necessitam, necessariamente a presença dos adultos ou o uso das palavras para acontecerem (AGOSTINHO, 2010; COUTINHO, 2010; RAMOS, 2011; CORREA, 2013).

Nesse contexto, temos como parâmetro a discussão de Sarmiento (2004) sobre o lugar que a contemporaneidade reservou para as crianças. Crianças estas que não chegam ao mundo como seres estranhos, mas como atores sociais portadores da novidade e da leveza da renovação, “no sentido de que tudo é de novo possível” (SARMENTO, 2004, p. 02).

Configura-se âncora para esta escrita entender que os bebês e as crianças bem pequenas são sujeitos potentes e ativos, que nas suas ações no mundo constroem relações que vão delineando a infância, portanto uma infância que não é dada e tampouco única. Entendemos que são nessas experiências singulares, que as crianças buscam formas de se colocar no mundo, de se constituírem nas suas relações, pois, independente de o adulto olhar, reconhecer ou até mesmo autorizar, elas agem sobre o mundo, construindo as suas significações, mediadas pelas relações etárias, de classe social, de gênero e raça.

Partindo dessas reflexões iniciais apostamos no direito de participação dos bebês e das crianças bem pequenas, para que as pesquisas realmente os/as envolvam nos diálogos e negociações e que torne visível para eles e elas, todo o processo, desde os primeiros acordos, até a devolutiva da pesquisa, na esperança de constituirmos um projeto democrático e aberto de escola e de pesquisa, daí a interlocução entre a metodologia de pesquisa com os princípios da documentação pedagógica. Três aspectos destacam-se nesse processo: 1) o direito de os bebês e crianças bem pequenas serem escutados e terem as suas opiniões consideradas; 2) adultos capazes de observar, escutar e compreender suas variadas formas de comunicação; 3) bebês e crianças bem pequenas participantes, agentes sociais construtores de significados e das suas aprendizagens.

Esses aspectos serão abordados ao longo do artigo que se organiza em três seções. Na primeira, apresentamos a metodologia de pesquisa e os painéis de documentação como possibilidade de devolutiva para os bebês e as crianças bem pequenas; na sequência refletimos sobre a relação entre a documentação pedagógica e possíveis caminhos para uma avaliação compartilhada na Educação Infantil, ponto de partida para a reconstrução da prática pedagógica; finalizamos o artigo indicando que tempo, escolhas e reflexões são pontos em comum entre as práticas de pesquisa com bebês e crianças bem pequenas e a documentação pedagógica como uma possibilidade avaliativa com a participação e o diálogo entre adultos e crianças.

Os painéis de documentação como possibilidade de devolutiva na etnografia com bebês e crianças bem pequenas

Inicialmente esclarecemos que a investigação foi realizada em uma turma de berçário de uma Unidade de Educação Infantil¹, com objetivo de analisar como os bebês vivenciam os movimentos de participação construídos por e entre eles e com as crianças pequenas em uma turma de berçário.

Durante o processo investigativo, foi extremamente complexo, aprender a escutar os bebês e crianças bem pequenas e compreender seus movimentos de participação, sem as expectativas e normas predeterminadas, que adultos geralmente esperam encontrar nesse grupo social. Significa que não apenas vemos, percebemos e escutamos, mas precisamos estar abertas para ações de interpretação e quando construímos significados nesse processo, quando selecionamos e escolhemos alguns movimentos dos bebês e crianças bem pequenas, mesmo envoltos em incertezas e ambiguidades, isto também é um ato de documentar. Logo, durante todo o processo de pesquisa também produzimos documentação com as crianças, sendo que nosso olhar reflexivo estava voltado para a documentação como devolutiva da pesquisa.

Primeiramente, como estratégia metodológica de aproximação do grupo de bebês, procuramos escutar aquele grupo sobre o que estava em evidência nas suas relações. A partir do momento que constatamos a presença de um trabalho voltado para a história de vida de cada criança, através de livros com imagens e narrativas construídas pelas famílias, a pesquisadora também criou o seu livro, o qual foi disponibilizado para o grupo de bebês manusear. As professoras, por sua vez, acrescentaram fotos da pesquisadora a um painel de fotografias das crianças que havia sido montado no espelho da sala. Essas duas ações evidenciam um movimento de escuta sutil, através do qual procuramos garantir uma entrada lenta e gradual junto ao grupo de bebês, respeitando os princípios éticos de respeito com as crianças nas pesquisas em que elas estão envolvidas (GRAUE; WALSH, 2003; CORSARO, 2005).

Sobre a escuta dos bebês e crianças bem pequenas na pesquisa, Cusianovich e Marquez (2002) pontuam que ela não se reduz a mera função biológica de ouvir, mas implica em reconhecer o outro como igual e diferente, isto é: na igualdade, porque eles têm os mesmos direitos que adultos e na diferença porque são uma fonte rica de novidade. A escuta implica um encontro, uma comunicação, um compromisso e comprometimento com quem escutamos. Freire (2007) também pontua sobre o quão importante e necessário é saber escutar, enquanto uma aprendizagem para *falar com* e não *falar para*, referindo-se a postura dos adultos em relação aos alunos. Barbier (1998) escreve sobre a escuta sensível, que significa entrar em uma relação de totalidade complexa com o outro, uma escuta que não julga, não compara, que compreende. Uma escuta das relações, de um estar junto, de querer saber mais, de construir hipóteses.

Pensando na especificidade dos bebês, os estudos de Gottlieb (2009) nos desafiam a pensar sobre as diferentes formas, por eles utilizadas, para se comunicar – sons, olhares, movimentos – uma vez que a ausência da linguagem verbal, tal como os adultos a compreendem, não significa a ausência de comunicação. Essa comunicação, que nos bebês é mais sensorial, desafia os adultos a “aprender uma nova linguagem, que não só não possui um dicionário

¹ Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, vinculada a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. A investigação foi realizada pela autora principal do artigo e escutou 10 bebês e crianças bem pequenas que compreendiam a faixa etária entre 1 ano e 2 meses a 2 anos e 4 meses.

pronto ou uma gramática publicada como, sem dúvida, apresenta regras ocultas” (GOTTLIEB, 2009, p. 320), e também obriga quem observa os bebês a esforçar-se para atingir um nível de empatia e compreensão do outro, exigindo ajustes nas suas posturas junto a esse grupo social.

Partindo dos aspectos pontuados sobre os bebês, a escuta e a postura adulta, nessa contextualização inicial, seguiremos o texto abordando um recorte da pesquisa desenvolvida em que, utilizou-se a documentação como instrumento de devolutiva da pesquisa, refletindo sobre a postura adulta que observa e registra a ação das crianças, fundamentais na pesquisa e na prática de documentação pedagógica.

A partir do processo vivenciado durante a devolutiva da pesquisa, ampliamos as nossas reflexões e visualizamos a documentação pedagógica como possibilidade para construirmos práticas avaliativas compartilhadas e coletivas na Educação Infantil, garantindo a visibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas, bem como a construção de uma cultura de comunicação, exploração, diálogo e reflexão entre todos os envolvidos no processo.

A opção pela etnografia tem se apresentado, dentro do Campo dos Estudos da Criança, como um tipo de pesquisa profícuo, através do qual é possível conhecer e ser capaz de dizer da vida das crianças e suas infâncias desde as suas perspectivas, considerando suas múltiplas facetas. Embora a etnografia tenha suas origens e predomínio no campo teórico da Antropologia, ciência que elaborou interpretações da cultura humana através da observação e registros das ações sociais (CLIFFORD, 2008; GEERTZ, 1989), as pesquisas com crianças reconhecem nela a possibilidade de pesquisadoras e pesquisadores realizar uma imersão na vida das crianças, acompanhando e registrando as suas produções simbólicas, os discursos e práticas que constituem as suas experiências.

Ciente dos desafios de trabalhar com a etnografia, pesquisadoras e pesquisadores têm se preocupado com a especificidade desse tipo de pesquisa com as crianças, apontando, por exemplo, a necessidade de cuidados na entrada do campo de pesquisa, a construção de vínculos com as crianças e o respeito a sua opinião sobre a presença de pesquisadoras e pesquisadores nesse espaço, a identificação dos sujeitos de pesquisa, o cuidado com o uso das imagens das crianças e a preocupação com os registros de detalhes das ações das crianças (GRAUE; WALSH, 2003; CORSARO, 2005).

Por esses fatores é que a etnografia tem recebido algumas adjetivações quando utilizada nas pesquisas com crianças, a fim de marcar a especificidade do grupo social que é investigado a partir desse tipo de pesquisa. Neste caso, a pesquisa desenvolvida foi inspirada na etnografia com bebês e procurou atender ao desafio de trazer as crianças menores de dois anos para o cenário acadêmico e social (FERREIRA e NUNES, 2014; GOTTLIEB, 2009). Os preceitos etnográficos relativos à presença constante de pesquisadoras e/ou pesquisadores e à observação a partir do olhar atento da realidade e da descrição em detalhes, atendem a especificidade do grupo social investigado, para que assim, fosse possível apreender sutilezas e minúcias das relações que estabelecem entre si e com os outros.

Nesse sentido, a etnografia com bebês constitui-se de uma das maneiras de “fazer acontecer” os processos de escuta desses sujeitos, especialmente por conta da densidade dos registros. Para a etnografia, os registros do que foi observado podem assumir o caráter de testemunhos da história humana (WILLIS e TRONDMAN, 2002). Dentro de tal possibilidade, fatos da cultura humana, portanto das crianças também, que, após ocorridos, poderiam ser apenas um mero passado, são transformados em relatos, que passam a existir através da sua inscrição e são consultados novamente, fazendo com que a cultura humana seja vista como um texto (GEERTZ, 1989) a ser lido e relido, e, além disso, a ser interpretado quantas vezes forem possíveis dentro de um período de tempo que é ilimitado. Nesse processo, a construção dos relatos ocorre através da “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 19) em que as informações passam pelo elo da significação, na tentativa de trazer novas mensagens sobre o contexto investigado.

Em campo, observando os bebês e as crianças bem pequenas, foram utilizados um caderno e uma caneta para anotações rápidas, breves e por vezes incompletas, pois a presença das crianças e o desejo de “-Enhá” (desenhar) impediam que a anotação fosse concluída. Ao final de cada dia de observação, as notas eram revistas, complementadas e trabalhadas em arquivo digital, de modo a construir uma descrição, mais completa possível do que foi vivenciado

a cada encontro com os bebês e as crianças bem pequenas.

Porém, considerando a riqueza dos movimentos dessas crianças, o caderno e a caneta não eram o suficiente para fazer registros de descrever densamente o que fora vivido com eles ao longo dos dias (40 encontros com observações participantes). Por essa razão, também utilizamos metodologias visuais, especificamente os vídeos para gerar os dados da pesquisa, pois “o pressuposto da descrição densa ganhou efetivamente corpo com a possibilidade de rever as cenas em sua quase integralidade e transcrevê-las (COUTINHO, 2010, p. 60), além de percebermos algumas sutilezas dos movimentos dos bebês a partir da transcrição do material gravado.

O uso de metodologias visuais requer um trato metodológico específico, a fim de não reduzir as imagens a meras ilustrações do texto (SCHWENGBER, 2012), por essa razão, as notas de campo juntamente com a descrição dos vídeos e as imagens deles extraídas compuseram os Diários Descritivos Narrativos. O Diário foi denominado de *descritivo* porque, diariamente eram descritas todas as situações que haviam sido filmadas, descrição essa que foi complementada com imagens em sequência extraídas dos vídeos. Ao mesmo tempo, ele também era *narrativo* porque contava alguns processos que não havia sido possível gravar e, neste caso, as notas de campo eram a base para a construção das narrativas. O Diário Descritivo Narrativo constituiu-se de um documento com aproximadamente 300 páginas, sendo a principal fonte de dados para o processo de construção das dimensões de análise, pois ele reunia em detalhes escritos e em imagens o que foi vivenciado diariamente pelo grupo de crianças com a pesquisadora.

Ao fim desse processo, considerando que as imagens produzem narrativas visuais e textuais, o uso delas também se fez imprescindível no que se refere ao retorno dos dados aos sujeitos da pesquisa. Para os adultos, uma cópia impressa do trabalho final e um encontro para apresentação oral seria o suficiente, mas, e para os bebês e as crianças bem pequenas?

De modo coerente com suas particularidades, o uso das imagens é um modo de garantir a participação dos bebês e das crianças bem pequenas no momento de devolução da pesquisa, para isso foram organizados “painéis de documentação”² (ALTIMIR, 2010) para serem expostos na escola infantil. Trata-se de uma espécie de “banner” em que, de forma simples e sintética, apresentam-se as informações mais relevantes da pesquisa.

A ideia de produzir os painéis, para deixar exposto na escola e na altura das crianças, foi motivada pelo fato de que normalmente organiza-se uma sessão pública na qual pesquisadoras e/ou pesquisadores apresentam os resultados da sua investigação à comunidade investigada. Ocorre que nem sempre todas as pessoas envolvidas na investigação ou a comunidade escolar de um modo geral consegue estar presente nessas sessões. Os painéis, constituem uma forma de deixar os resultados da pesquisa expostos para que, à medida do possível, as pessoas que circulam pela escola possam visualizá-los e construir outras interpretações, sendo essa uma oportunidade para aprender e refletir.

Principalmente, os painéis também foram uma maneira de garantir que as crianças pudessem se ver e ver os seus pares, visualizando os significados que foram atribuídos as suas ações, mas principalmente apresentando-se como uma possibilidade de saírem do anonimato e da invisibilidade, percebendo que aquilo que fazem tem valor e é apreciado por todos. Nesse sentido, foram organizados 9 (nove) painéis, impressos em papel, nas dimensões 130 cm x 90 cm e disponibilizados na instituição em que aconteceu a pesquisa. Na foto a seguir é possível visualizar os painéis em um momento anterior a sua disponibilização na Unidade de Educação Infantil. Não foi possível apresentar imagens da devolutiva no contexto da pesquisa, por conter a presença de crianças que não tinham autorização para divulgação das suas imagens.

² Na pesquisa, os painéis receberam esta denominação atendendo uma finalidade específica. Mas, a documentação pedagógica não precisa ser necessariamente em forma de painéis. O importante é que exista esse movimento de registro, reflexão e compartilhamento do vivido, de alguma forma.

Figura 1. Pré-exposição dos painéis de documentação como devolutiva da pesquisa às crianças.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A seguir, uma versão ampliada dos painéis de documentação:

Figura 2. Painel de documentação “Jeitos de brincar: construção de brincadeiras, conflitos e relações etárias”.

3 Jeitos de brincar: construção de brincadeiras, conflitos e relações etárias

“O que foi?”, “- Esse bebê tá querendo pegar nossas coisas”

Cecília da T. Azul chegou e Daniel foi até a porta recebê-la. Enquanto ela entrava ele pulava e batia palmas, Cecília não fez muita questão da recepção e logo foi ao encontro de Nathália, colega da sua turma, que já havia chegado. As duas brincavam com as panelinhas e caminhavam de um lado ao outro da sala, pareciam estar se localizando, descobrindo o que havia na sala, estudando quais eram as possibilidades para brincar. Caetano, que segurava um pires e uma xícara seguia as meninas, enquanto ele as observava fazia de conta que tomava algo na xícara. Caetano veio em minha direção e alcançou-me o pires com a xícara, fiz de conta que tomei o que ele havia me servido e devolvi, ele deu uma volta na sala e retornou oferecendo-me a xícara. Enquanto ele fazia isso, não perdia Cecília e Nathália de vista.



Isabel aproximou-se de Cecília e Nathália. Ela entrou no espaço embaixo da bancada, aonde as duas construíram a casinha e Cecília disse “Vamos ver outro lugar” e saíram. Enquanto eu filmava Isabel se movimentando no espaço da casinha Cecília disse “Vou buscar os móveis lá”. Elas então pegaram os brinquedos e levaram para o outro lado da sala e os organizaram sobre um balcão. Caetano foi para o tatame, onde envolveu-se com Theodora, que cantava juntamente com Elis e Helena.



Ana brincava no balcão ao lado, aproximou-se das meninas e queria pegar um dos móveis, Nathália utilizava seu corpo como barreira para que Ana não pegasse o móvel. Nathália tentava ser delicada ao dar alguns empurrões para Ana sair e dizia “Scht! Não mexe”, mas Ana era insistente, dava a volta e tentava pegar os brinquedos pelo outro lado. Em certo momento, Ana pegou a bolsa que estava sobre o armário e Nathália a pegou rapidamente e a ergueu. Enquanto estava com os objetos sobre a cabeça olhava aflita para todos os lados, parecia pedir ajuda. Cecília que ainda trazia alguns objetos para a brincadeira perguntou: “O que foi?” e Nathália respondeu: “- Esse bebê tá querendo pegar nossas coisas.” Cecília saiu rindo e colocou a mão na testa balançando a cabeça.



Uma das pessoas adultas percebeu a situação e disse: “- Nathália, você não quer que a Ana pegue os brinquedos?” Nathália moveu a cabeça negativamente, e ela continuou: “- Aqui a gente reparte os brinquedos, assim como vocês estão brincando com os brinquedos da Turma Vermelha, vocês também têm que emprestar para eles. Certo Nathália?” Nathália fez um sinal afirmativo com a cabeça e a pessoa adulta concluiu: “- Então está combinado”. Enquanto conversavam, Ana mexia no armário, abrindo e fechando as portinhas; ela tinha um frasco pequeno que colocava e retirava do armário. Ana tropeçou nos próprios pés e caiu. Quando se levantou interessou-se por algumas garrafas que havia na prateleira do armário, sentou-se e brincou com as garrafas. Cecília e Nathália, organizaram a casinha do outro lado do armário, e como ele possui umas “portinhas” móveis, elas as fecharam, de modo que Ana não intervisse na brincadeira. Ana percebeu que essa não era uma boa estratégia. Talvez por já conhecer o móvel da sua sala, logo abriu a portinha e “deu de cara” com as meninas.



Depois de mais alguns minutos abrindo as portinhas e as meninas fechando, Ana saiu e sentou-se no tatame. Ela foi olhar alguns livros de história com Helena e Caetano, enquanto Cecília e Nathália brincaram por mais um longo tempo (DIÁRIO DESCRITIVO NARRATIVO, 29.08.2017, p. 84-89).

Figura 3. Painel de documentação “O papel das adultas frente aos movimentos de participação das crianças”

5.2 O papel das adultas frente aos movimentos de participação das crianças

Leonardo encontrou um carrinho e o alcançou para Bolívar. Em seguida uma das adultas percebeu que ele estava com o carrinho, providenciou outros carrinhos e começou a organizar algumas peças de madeira em forma de garagens. Bolívar e Leonardo colocavam e tiravam os carrinhos em cima da construção que fora organizada por ela. Leonardo escolheu uma peça maior e a colocou inclinada, apoiando-a em uma mesinha que estava no tatame com diversos materiais, assim ele construiu uma rampa para seus carrinhos (DIÁRIO DESCRITIVO NARRATIVO, 18.09.2017, p. 119).



A sala estava organizada do seguinte modo: tapete musical no tatame e potes de plástico virados com a abertura para baixo e sobre eles colheres grandes. Em outro espaço havia um tapete de feltro amarelo com materiais diversos: garrafas sensoriais, peças arredondadas pequenas e pretas e argolas de acrílico. Sem dúvidas o tapete musical foi a sensação da manhã, pois as crianças tocavam nele e era possível ouvir uma música. Porém, à medida em que as crianças circulavam no espaço e exploravam os outros materiais eles se misturavam e logo que as crianças se afastavam, uma das pessoas adultas tentava reorganizá-los da mesma forma com que eles haviam sido dispostos no início da manhã (DIÁRIO DESCRITIVO NARRATIVO, 15.08.2017, p. 41).

Daniel encontrou uma caixa com jogos sobre a mesa. A caixa estava na posição vertical, fechada, bem ao centro da mesa. Ele não a alcançava então ficou em pé sobre a cadeira e tentava abri-la, ele virava a caixa de um lado para o outro tentando encontrar uma forma de retirar os objetos de dentro, ao perceber que não conseguia ele saiu. Uma das pessoas que havia disponibilizado a caixa ali percebeu Daniel e comentou consigo: “- Hoje vou fazer de propósito, não vou abrir o jogo, vou deixar ele descobrir. Hoje vão ter que ter autonomia[...]”.



Helena e Daniel aproximaram-se da mesa com a caixa e tentavam pegá-la, com movimentos semelhantes aos que Daniel havia feito anteriormente. Um das pessoas adultas (não a que havia disponibilizado a caixa) percebeu o movimento das crianças e disse: “- Hum... vocês querem jogar”. Ela então aproximou a caixa das crianças e abriu um pouco, possibilitando que as crianças tivessem acesso às peças, esparramando as peças sobre a mesa (DIÁRIO DESCRITIVO NARRATIVO, 02.09.2017, p. 202).

5.3 Ajudar, fazer junto e fazer sozinho – participar e ressignificar o cotidiano da escola infantil

Na mesa, haviam dois microscópios e alguns materiais naturais (pena, casca de árvore e musgos). Uma das pessoas adultas parecia não saber muito bem como lidar com aqueles materiais. Ela colocou alguns sobre a lâmina e, comentou: - “Não enxerpo nada”, mesmo assim chamou as crianças para observar. Em certo momento, ela resolveu levar um deles para uma professora ajustar e no retorno comentou: - “Agora sim, dá pra ver tudo!”. Enquanto comentava com as crianças sobre o que é um microscópio, ela mostrava os materiais e os arrumava sobre a lâmina, Ana, Caetano e Heitor se aproximaram, sentaram perto e saíram. Daniel aproximou-se de um dos microscópios e colocou diferentes objetos sobre a lâmina, depois colocou o seu bico e tentou baixar a parte por onde olhamos os materiais. Heitor também se aproximou e tentou colocar alguns objetos sobre a lâmina para olhar. Os aparelhos são altos e estavam sobre a mesa. Então uma outra pessoa adulta colocou algumas cadeiras ao redor da mesa para que as crianças pudessem acomodar-se. Daniel parecia não estar visualizando os materiais, e tentou regular o microscópio, como havia observado uma das pessoas adultas fazer. Depois, a pessoa que orientava o manuseio dos objetos e a sua observação, chamou Daniel para olhar no microscópio. Daniel que parecia saber como fazer não atendia as suas orientações, querendo fazer sozinho. (DIÁRIO DESCRITIVO NARRATIVO, 02.10.2017, p. 161).



A documentação pedagógica e caminhos para uma avaliação compartilhada na Educação Infantil

Os painéis de documentação como devolutiva da pesquisa às crianças permitiram uma interpretação dos processos vividos durante a pesquisa, num relacionamento entre teoria e prática de investigação e nas descobertas que oportunizaram processos de aprendizagem entre bebês, crianças bem pequenas e pesquisadora. Tanto na pesquisa, como no cotidiano da Educação Infantil, documentar exige fazer escolhas das narrativas mais relevantes.

Participar do cotidiano da escola infantil, descobrir o mundo e experimentá-lo é um movimento dos bebês e crianças bem pequenas que acontece independente da nossa vontade, enquanto adultos em uma sala de referência. Nosso papel, junto a eles é o de construir oportunidades de descoberta e de experimentação de modo a possibilitar e potencializar os movimentos de participação, descobertas, dúvidas e surpresas das crianças. Ao mesmo tempo, nossas ações também limitam, impedem ou atropelam os seus processos de descobertas. Por esta razão, assim como na pesquisa, é importante estarmos observadoras das ações infantis, com bloquinhos para anotações breves e rápidas, e com tempo para analisar e transformar esses registros em narrativas sobre a vida das crianças na escola infantil.

Na prática, escutar os bebês e as crianças bem pequenas é observá-las. Porém, quando falamos de um processo educativo democrático, isso não é o suficiente para garantir a elas a condição de cidadãs ativas nesse contexto social, pois é preciso estarmos disponíveis para compreendermos as suas ações no cotidiano da escola infantil e, muitas vezes, essa compreensão não é imediata, mas fruto de um processo de reflexão e autorreflexão sobre o vivido. Por esta razão, Dahlberg, Moss e Pence (2003) apontam a documentação pedagógica como uma tentativa de “enxergar e entender o que está acontecendo no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer sem qualquer estrutura predeterminada de expectativas e normas” (p. 192). Para esses autores, com base em Steedman (1991), os significados das ações das crianças não provêm apenas do que vemos ou observamos, eles não estão prontos na natureza para serem colhidos, mas são construídos, ou seja, produzidos em atos de interpretação (DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2003).

A prática da documentação pedagógica tem origem na proposta educativa italiana, especialmente na região de Reggio Emília e perpassa uma mudança na compreensão dos significados da palavra “documentar”. Rinaldi (2014) reflete sobre essas mudanças, afirmando que são substanciais quando ele é pensado no contexto escolar, do ponto de vista didático-pedagógico: ele deixa de ser compreendido com uma coletânea de documentos que comprovam a veracidade dos fatos e passa a ter uma possibilidade reflexiva na medida em que o percurso de aprendizagem das crianças pode ser lembrado, analisado e reconstruído.

A documentação pedagógica envolve basicamente dois temas: enquanto *conteúdo*, a documentação nada mais é do que o material que registra as ações das crianças no dia a dia da escola infantil, podendo ser em manuscritos, fotografias, desenhos, vídeos entre outras formas de registro, coletados durante os processos vivenciados pelas crianças. Esse material é uma das partes do processo de documentação, é a parte concreta e visível do trabalho pedagógico. A outra parte, refere-se a um *processo* rigoroso, metódico e democrático de reflexão sobre os materiais reunidos, processo este que não é individual da professora, mas compartilhado com a equipe da escola e que ocorre ao final do processo (RINALDI, 2014; DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2003).

Para os autores que dedicam - se ao estudo da proposta educativa italiana ou que a apresentam como inspiração para outras formas de pensar a educação das crianças (RINALDI, 2012; VECHI, 2013; HOYUELOS, 2013; FORTUNATI, 2017), a prática de documentação pedagógica é um processo de aprendizagem sobre as crianças e sobre si, sendo também um ponto de partida para a reconstrução da prática pedagógica. Além disso, o fato de que a documentação é compartilhada com todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, como os bebês e as crianças bem pequenas e as famílias, através de painéis expostos pela escola infantil, garante não só a visibilização de um trabalho, mas também a construção de uma cultura de comunicação, exploração, diálogo e reflexão entre todos os envolvidos no processo.

Compartilhar o que é vivido na escola infantil, através da documentação pedagógica,

amplia as possibilidades de reflexão, pois cada um/uma que observa o exposto pode criar outras reflexões sobre o vivido, o que possibilita que a documentação se torne um “instrumento vital para a criação de uma prática pedagógica reflexiva e democrática” (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 191).

Compreender a importância de observar os bebês e as crianças bem pequenas em um sentido mais amplo, registrar as suas ações e refletir coletivamente sobre os seus significados seriam maneiras de auxiliar as equipes que atuam em turmas de Educação Infantil a exercitar um olhar mais sensível sobre os bebês e as crianças bem pequenas e refletir criticamente sobre o seu trabalho. Talvez aqui esteja uma das respostas para tantos desafios enfrentados quando tratamos de avaliação na Educação Infantil: refletir sobre o papel das/dos professoras/es e apostar na construção de uma docência de/para/com os bebês e as crianças bem pequenas a partir de uma escuta sensível e de uma prática pedagógica reflexiva.

A relação entre a documentação e a avaliação está justamente nesse processo vivenciado pelos adultos e pelas crianças de modo sensível, pautado pelo respeito e valorização das crianças e seus percursos. Para Rinaldi (2014) a avaliação é parte intrínseca da documentação, onde o encontro entre as crianças e a narrativa das suas ações, construída pela professora, as coloca em uma condição real de existência. A prática da documentação, constitui-se uma prática social através da qual garantimos os direitos de as crianças serem ouvidas e valorizadas.

Para isso, precisamos refinar nossos modos de escuta dos bebês e das crianças bem pequenas, conforme pontuamos anteriormente. As crianças se expressam de inúmeras maneiras, principalmente por meio do silêncio das palavras e dos intensos movimentos do corpo. O exercício de uma pedagogia da observação, da escuta, da sensibilidade e do silêncio é condição para uma compreensão dos bebês, das crianças e dos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Para Torralba (2017, p. 2), o silêncio é uma grande ausência na pedagogia, “não se contempla como instrumento de comunicação, nem como experiência fundamental do ser humano”. As palavras são necessárias para descrevermos o mundo, para narrarmos aos bebês e crianças bem pequenas o que está acontecendo, de modo que possam compreender, porém, o silêncio é imprescindível para contemplar esse mundo e interiorizá-lo.

As relações das crianças, muitas vezes são marcadas pelo silêncio das palavras. Essa marca é cara para nós adultas e adultos, que vivemos sob a ditadura das palavras, pois desacostumados ao silêncio, já não percebemos o quanto ele é capaz de acolher a musicalidade natural da vida. Hoyuelos (2013), com base em Fransesc Torralba, desafia adultas e adultos a vivenciar, com as crianças, esse momento de separação e (re)construção de vínculos e afetos desde a perspectiva do silêncio. Em um mundo marcado por sons, ruídos e cacofonias, “o silêncio se revela como revolucionário por que não é habitual” (HOYUELOS, 2013, p. 17), em silêncio, somos capazes de criar uma nova atitude de disponibilidade corporal em que o olhar é um fio sutil que conecta o eu e o outro, criando pontes de cumplicidade, seja entre as crianças e equipe da escola, ou entre a equipe e a família.

O silêncio não é o silenciamento das crianças. Freire (2007) pontua sobre a importância do silêncio na comunicação e não um espaço *com* ou *em* silêncio. Essa perspectiva garante aos sujeitos envolvidos na relação um real processo de fala comunicante – lembrando que, na perspectiva das crianças, isso se dá através de diferentes linguagens, são só da fala em seu real sentido – para quem fala e uma escuta do sujeito a quem ouve.

Quando nos colocamos de fato em silêncio e observamos os bebês e as crianças bem pequenas presenciamos momentos incríveis de amizade, solidariedade, afetos, disputas e companheirismo. A partir de notas breves, mas posteriormente trabalhadas, fizemos uma tentativa de traduzir em palavras a complexidade e a intensidade das relações, imprimindo nelas uma possível interpretação. Sem, jamais conseguir expressar em palavras e com exatidão o que os momentos significaram para quem os vivenciou.

Essa postura demanda abertura das adultas e dos adultos para suspender suas certezas a fim de “caminhar juntos, sem vislumbrar antecipadamente um ponto de chegada” (ARAUJO, HOYUELOS, LEKUNBERRI, 2013, p. 17), caminhada essa construída e negociada desde uma relação de diálogo e respeito entre todos os sujeitos envolvidos, um dos aspectos basilares

da documentação pedagógica. Assim como na pesquisa, elaboram-se metas e objetivos no contexto educativo, para os quais traçamos algumas possibilidades para alcançá-los. Na relação entre a documentação pedagógica e a avaliação, os objetivos são importantes e servem como orientadores da nossa caminhada, mas não podem sobrepor-se aos percursos, por isso, a ênfase nos processos de escuta das crianças. Documentar os processos faz mais sentido do que focalizar os resultados.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) deve-se criar procedimentos para acompanhar o trabalho pedagógico, avaliando aspectos do desenvolvimento das crianças sem objetivos de seleção, promoção, classificação ou retenção. Este documento prevê a possibilidade de observar as crianças nas suas interações e brincadeiras, utilizando-se de múltiplas formas de registro como relatórios, fotografias, desenhos ou anotações, mas precisamos garantir que isso se efetive de maneira sensível e respeitosa com as crianças.

Que esses registros não sejam associados aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento expressos na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), empobrecendo as experiências dos bebês e das crianças bem pequenas, mas que se constituam em narrativas sobre o vivido na escola infantil, e não apenas frases soltas que comentam se a criança brincou ou não, alimentou-se ou não. Pensar a relação entre a documentação pedagógica e a avaliação na Educação Infantil é pensar na garantia de respeito aos direitos das crianças.

Para concluir: tempo, escolhas e reflexões

Tempo, escolhas e reflexões são pontos em comum entre as práticas de pesquisa com bebês e crianças bem pequenas e a documentação pedagógica. Embora cada um desses processos tenha objetivos e finalidades específicas, se aproximam nos modos de fazer: os bebês e crianças bem pequenas precisam tempo para explorar, experimentar, criar; a pesquisadora e a professora requerem tempo para observar, interpretar, construir e documentar as narrativas sobre o que as crianças viveram. Conforme argumenta Davoli (2011, p. 19) “observar é um ato de conhecimento” e como acontece na investigação com bebês e crianças bem pequenas é preciso perguntar, construir hipóteses para compreender as situações. Neste sentido, “observar é um verbo ativo, um ato criativo que requer nossa interpretação” (DAVOLI, 2011, p. 19).

Para os bebês e crianças bem pequenas as escolhas são sobre o que e como fazer, para as adultas e os adultos é sobre o que oferecer, observar, registrar e analisar. Esse movimento nos oferece uma variedade de materiais, através dos quais se pode fazer uma leitura mais ampla e complexa das relações tecidas no cotidiano da educação infantil. Em diálogo com a avaliação, as escolhas que fazemos nos oferecem determinados pontos de reflexão sobre o vivido, os quais, quando compartilhados, não se esgotam, mas se ampliam, trazendo para o centro os processos de aprendizagem das crianças e novas possibilidades para pensar a prática com as crianças.

A reflexão é teórica, perpassa nossas compreensões de senso comum e se firmam nos saberes construídos historicamente, trazendo credibilidade e confiabilidade ao nosso trabalho. Desse processo, individual e coletivo, decorre uma prática avaliativa coletiva e compartilhada que fala das crianças e das suas experiências, mas que também fala do que se faz na Educação Infantil, sendo também uma oportunidade de autoformação das adultas e dos adultos.

Os documentos que produzimos nos ajudam a seguir aprendendo cada dia nossa profissão. Cada vez que olharmos para o que produzimos, novas reflexões irão surgir, por isso falamos da necessidade de tempo para produzir e contemplar os processos documentados, a cada volta ao que foi vivenciado, teremos uma nova aprendizagem. Nesse sentido, a documentação pedagógica serve tanto para avaliar as experiências, como para nos auto – avaliar, bem como conectar os sujeitos envolvidos com os resultados das pesquisas, mas acima de tudo garante o direito de os bebês e crianças bem pequenas serem ouvidas e terem as suas opiniões, expressas através de diferentes formas de comunicação, consideradas. Para isso, a prática de documentação pedagógica requer um contexto com adultas e adultos capazes de ouvir as inúmeras informações fornecidas, das formas mais variadas possíveis e com crianças que de fato,

não só de direito, sejam ativas, participantes e construtoras das suas aprendizagens.

Referências

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. 2010. 349f. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos da Criança – Sociologia da Infância) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

ALTIMIR, David. **Como escuchar a la infancia?** Barcelona, Octaedro, Octaedro, 2010.

ARAUJO, Ana; HOYUELOS, Alfredo; LEKUNBERRI, Edurne. El silencio como acogida. **In-fan-cia**, Rosa Sensat, 142, p. 17 – 22, 2013. Versão impressa.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In BARBOSA, Joaquim (Coord). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p.168-199.

BRASIL. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CNE/CEB Nº20/2009. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Brasília: DF, 2009.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base**. Brasília, DF: MEC, 2017. 470p. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Antropologia e Literatura no século XX. 3 Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. p.17 - 58.

CORSARO, William. A entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a08v2691.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

CORREA, Aruna Noal. **Bebês produzem música? O brincar musical de bebês em berçário**. 2013. 227f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. 2010. 312f. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos da Criança – Sociologia da Infância) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

CUSIANÓVICH, Aljandro; Ana Maria, MARQUEZ. **Hacia una participación protagónica de los niños, niñas y adolescentes**. Documento de discusión elaborado para Save the Children Suecia. Save the Children: Suecia, 2002.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter. Nota sobre terminologias de Reggio Emília. In: VECCHI, Veia. **Arte y creatividad em Reggio Emília**. El papel de los talleres y sus posibilidades em educación infantil. Ediciones Morata, Madrid, 2013. p. 37 – 39.

_____. PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da Primeira Infância**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DAVOLI, Mara. Documentar processos, recoger señales. In: **Red Territorial de Educación Infantil de Cataluña**. Documentar la vida de los niños y las niñas en la escuela. Barcelona: Ediciones

Octaedro – Rosa Sensat, 2011.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 103-123, jan./abr. 2014. Versão impressa.

FORTUNATI, Aldo. **Por um currículo aberto ao possível: protagonismo das crianças e educação**. O pensamento, a prática, as ferramentas. Trad. Paula Baggio. San Miniato: La Bottega di Geppetto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p.313-336, jul./set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n3/v20n3a02.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2018.

_____. Prefácio. In MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9 – 12.

_____. **Tudo começa na outra vida - A cultura dos recém-nascidos na África**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

HOYUELOS, Alfredo. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Lóris Malaguzzi**. Barcelona: Octaedro, 2ª ed. 2013.

LEE, Neek. Vozes das crianças, tomada de decisão e mudanças. In MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 42 – 64.

LLOBET, Valeria. **Pensar la infancia desde América Latina: un estado de la question**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2013.

MAYALL, Berry. Relações geracionais na família. In MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 165 – 186.

MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.

PEREIRA, Rachel Freitas. **O processo de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e os adultos no contexto da Educação Infantil**. 2015.250f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DAVOLI, Mara. Documentar processos, recoger señales. In: RED Territorial de Educación Infantil de Cataluña. **Documentar la vida de los niños y las niñas en la escuela**. Temas de infância. Educar de 0 a 6 anos. Rosa Sensat.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças?** In 34ª Reunião Nacional da ANPED. 2011. Natal. **Anais eletrônicos da 34ª Reunião Nacional da ANPED**. Disponível em <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT07/GT07-1092%20int.pdf>. Acesso em: 17 jun 2016.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: Escutar, investigar e aprender. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. Documentação e avaliação: qual a relação? In: ZERO, Projeto. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo/Reggio Children; Tradução Thais Helena Bonini – 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p. 80 – 91.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz, **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9 – 31.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 261-278.

TORRALBA, Francesc. **Pedagogía del Silencio**. 2017 Disponível em: <http://www.donbosco.es/includes/destacados/3/pedagogia.pdf>. Acesso em 08 set. 2018.

VECCHI, Vea. **Arte y creatividad em Reggio Emilia**. El papel de los talleres y sus posibilidades em educación infantil. Ediciones Morata, Madrid, 2013.

WILLIS, Paul; TRONDMAN, Mats. Manifesto pela etnografia. **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto, n. 27, p. 211 – 220, 2008. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC27/27_arquivo.pdf. (Versão impressa).

Recebido em 21 de dezembro de 2020.
Aceito em 22 de dezembro de 2020.